

# 'Temos o direito de opinar e informar'

Para especialista, desafio na América Latina é a defesa da democracia representativa e do Estado de direito

## ENTREVISTA

Gabriel Salvia



Divulgação

GABRIEL SALVIA: retrocesso

• A constante tensão entre os governos da Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia e Argentina e os meios de comunicação de seus países é observada com preocupação por analistas da região, que temem um cerco cada vez maior à imprensa privada do continente. Na visão de Gabriel Salvia, diretor do Centro para a Abertura e o Desenvolvimento da América Latina (Cadal), com sede em Buenos Aires, outros países mais democráticos, como o Brasil, deveriam atuar com mais firmeza na defesa da liberdade de expressão. "Todos estes países defendem um pensamento único que deve ser funcional à revolução que estão liderando. Para isso, os meios de comunicação devem ajudar a revolução e não criticá-la", disse Salvia em entrevista ao GLOBO.

Janaína Figueiredo

Correspondente • BUENOS AIRES

**O GLOBO:** Como o senhor observa a relação entre os governos da Venezuela, Equador, Argentina e Bolívia com os meios de comunicação?

**GABRIEL SALVIA:** Observo uma tendência a querer impor um pensamento único, seguindo os passos de Cuba, país anti-

• Os governos da Argentina, Venezuela, Equador e Bolívia argumentam que a comunicação deve ser plural e estar aberta à participação popular...

**SALVIA:** São governos que falam em democratizar os meios de comunicação, mas no fundo o que buscam é limitar a liberdade de imprensa. São as pessoas que decidem qual canal de televisão assistir ou qual jornal ler. E as pessoas devem ter a liberdade de escolher. Estes países não simpatizam com a liberdade de expressão e isso também se reflete em suas alianças internacionais. São países, como no caso da Venezuela, vinculados a governos antidemocráticos como os do Iraque, China e Coreia do Norte.

• Representantes do governo brasileiro defendem o governo Chávez em sua disputa com os meios de comunicação...

**SALVIA:** No caso do Brasil, sua política externa é profissional, mas pouco humanitária. O Brasil privilegia acordos comerciais e econômicos, mas não se interessa pela defesa dos direitos humanos. O Brasil, por exemplo, se absteve de condenar o Iraque nas Nações Unidas e foi muito criticado por isso. Também foi o único país latino-americano que abriu uma embaixada na Coreia do Norte, país fechado e autoritário. Não existe uma preocupação pela situação democrática.

das sociedades e uma decisão de exportar democracia.

• Qual é o objetivo mais importante destes governos latino-americanos?

**SALVIA:** Todos defendem um pensamento único que deve ser funcional à revolução que estão liderando. Para isso, os meios de comunicação devem ajudar a revolução, e não criticá-la. Não acreditam na democracia representativa, divisão de poderes. Estado de direito e independência das pessoas, em todos os sentidos.

• São governos eleitos nas urnas...

**SALVIA:** Claro, todos contam com apoio popular e convivem com oposições ineficientes. A questão é como usam o Estado para perpetuar-se no poder. Esse é o desafio para as forças políticas destes países e de outros países da região. O desafio é a defesa da democracia representativa e do Estado de direito.

• No caso da Argentina, como avalia a relação entre o casal Kirchner e a imprensa?

**SALVIA:** Na Argentina ainda não se chegou a extremos como na Venezuela. Mas no caso do governo argentino também observamos uma tendência a ignorar os meios de comunicação, a buscar uma comunicação direta com o povo e uma grande intolerância às críticas. ■

## 'Guerra midiática' põe liberdade em xeque

Guilherme Freitas

• A organização Repórteres Sem Fronteiras, que monitora violações à liberdade de imprensa e à segurança de jornalistas em todo o mundo, acompanha com preocupação a tensão crescente entre governos latino-americanos e veículos de imprensa. O diretor para as Américas da organização, Benoit Hervieu, aponta o caso venezuelano como o mais delicado na região:

— A Venezuela vive uma "guerra midiática". No início do governo de Hugo Chávez, muitos veículos cometeram exageros ao confrontar o governo. E agora temos a resposta. Usando a tentativa de golpe como argumento, Chávez abusa da distribuição de concessões de rádio e TV para punir veículos que lhe parecem críticos demais. E ocupa a paisagem televisual com transmissões que duram horas. Converte-se em jornalista para se comunicar diretamente com o povo.

Para Hervieu, a situação na Venezuela é a manifestação mais aguda de uma tendência observada em outros países do continente. — A chegada ao poder de governos de esquerda foi recebida com desconfiança por parte da imprensa latino-americana. Há uma concentração de grandes veículos nas mãos de setores tradicionais da sociedade, que não viam com bons olhos a ascensão daqueles regimes — aponta Hervieu, citando como exemplo rádios bolivianos que clamavam pelo assassinato do presidente Evo Morales.

Mas a má atuação de determinados órgãos não justifica o movimento repressivo por parte das autoridades, pondera ele.

— Os veículos mais tradicionais têm a responsabilidade de buscar um equilíbrio entre interesse privado e função pública, e isso depende diretamente de sua capacidade de dar uma cobertura mais equilibrada da atualidade.